



CLÁUDIA CASIMIRO

BARBARA BARBOSA NEVES

Vida familiar e tecnologias de informação e comunicação num mundo globalizado

Análise Social, LVI (2.º), 2021 (n.º 239), pp. 308-321

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2021239.05>

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



Vida familiar e tecnologias de informação e comunicação num mundo globalizado. Este artigo contextualiza um dossiê que reúne pesquisa sobre Famílias e Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) realizada em países de língua oficial portuguesa. Após uma introdução conceptual, onde se discute “família” e “tecnologia”, apresentamos os artigos, mostrando as lacunas que colmatam no conhecimento científico sobre vidas familiares e TIC. Delineamos, ainda, as contribuições dos artigos em três dimensões: 1) perspectivas completivas sobre significados e práticas familiares, 2) inclusão de relações intergeracionais, e 3) contextos socioculturais diversos, incluindo países e regiões do Sul Global (Angola e Brasil). Embora os artigos antecedam a pandemia da COVID-19, mostramos a sua relevância para se entenderem dinâmicas familiares e tecnológicas durante e após a pandemia. Concluímos com uma reflexão sobre as TIC na conjuntura familiar pandémica, apontando novos estudos e sugerindo pistas de investigação.
PALAVRAS-CHAVE: famílias, relações intergeracionais, tecnologias de informação e comunicação, COVID-19.

Family life and information and communication technologies in a globalized world. This article contextualizes a special issue bringing together research on Families and Information & Communication Technologies (ICT) conducted in Portuguese-speaking countries. Following a conceptual introduction, where we discuss “family” and “technology”, we present the articles of this issue, emphasizing the gaps they address in our scientific knowledge of family lives and ICT. We further outline their contributions in three dimensions: 1) supplementary perspectives regarding family meanings and practices, 2) inclusion of intergenerational relationships, and 3) diverse sociocultural contexts, including countries and regions of the Global South (Angola e Brazil). Whilst the articles precede the COVID-19 pandemic, we show their relevance to understand family and technological dynamics during and after the pandemic. We conclude by reflecting on ICT in the pandemic family milieu, underlining new studies and research insights.
KEYWORDS: families, intergenerational relationships, information & communication technologies, COVID-19.

CLÁUDIA CASIMIRO
BARBARA BARBOSA NEVES

Vida familiar e tecnologias de informação e comunicação num mundo globalizado

INTRODUÇÃO

O impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas dinâmicas familiares tem sido um tópico de interesse crescente no campo dos estudos sociais da família (Neves e Casimiro, 2018).¹ Contudo, a nossa investigação sociológica na área tem demonstrado que urge desconstruir narrativas homogêneas e simplistas sobre família, tecnologia e sociedade – narrativas que continuam a emergir em alguma literatura académica e que são predominantes em discursos e imaginários sociais e públicos (Neves e Casimiro, 2018). Para tal – e para se compreender em profundidade as complexas articulações entre TIC e famílias –, precisamos de várias abordagens que captem características, mudanças e continuidades sociais. Entre elas, por exemplo, considerar diferentes contextos socioculturais e geográficos. Com este dossiê pretende-se responder a estas necessidades científicas e alargar a temática à comunidade de língua portuguesa.

No entanto, antes de apresentarmos este dossiê, é importante partilhar a nossa conceptualização de “família” e de “tecnologia”. Esta partilha é fundamental por dois motivos principais. Em primeiro lugar, acreditamos que ajuda a delinear e a situar as diversas contribuições dos artigos incluídos nesta coleção. Em segundo lugar, oferece possibilidades de um diálogo contínuo

1 É disso exemplo o livro *Connecting Families?: Information & Communication Technologies, Generations, and the Life Course* (Neves e Casimiro, 2018), editado pelas autoras deste dossiê a partir de sessões organizadas no âmbito das conferências da Associação Internacional de Sociologia (ISA). A obra reúne contribuições de cinco continentes, atualizando conhecimento sociológico sobre as inter-relações entre TIC e famílias em diferentes regiões e contextos. Foca-se, ainda, em perspetivas geracionais e do curso de vida, trazendo novos entendimentos e discussões sobre a temática.

epistemológico, ontológico e até axiológico sobre definições e delimitações operacionais, que não se esgota nestas páginas e que pretende ultrapassar essencialismos e determinismos.

Assim, sociologicamente, a família sempre foi entendida como mais do que “parentesco” (Carsten, 2000) ou laços de sangue, embora perspectivas contemporâneas tenham atualizado paradigmas que viam a família de forma mais “objetiva” e funcionalista. A família inclui “relacionamentos” (Brynin e Ermisch, 2009), “relações íntimas” (Jamieson, 1998) e espaços/redes/configurações nos quais, além dos laços de parentesco, se estabelecem outras afinidades e significados (Wall e Gouveia, 2014) – isto sempre numa lógica de relações que se vão construindo, “fazendo” (Morgan, 2011), “mostrando” (Finch, 2007) e, como tal, são entendidas por nós e por outros como família.

Sociologicamente, a tecnologia também sempre foi vista como mais do que uma ferramenta ou um conjunto de *bites* (Bijker e Law, 1992; MacKenzie e Wajcman, 1999). Por um lado, a sua materialidade enquanto objeto ou ferramenta é inegável e não pode ser omitida. Por outro lado, a tecnologia interseta múltiplas dimensões sociais e simbólicas, uma vez que constitui um sistema, uma estrutura, um conjunto de valores, práticas e significados sociais (Latour, 1992). Na sua subespecialidade, a sociologia da tecnologia aborda a tecnologia enquanto sistemas, redes ou *assemblages* sociotécnicas – i.e., onde elementos, propriedades, interpretações e relações sociais e tecnológicas se interligam e coconstituem (Mead e Neves, 2018). Esta abordagem tem como objetivo ultrapassar determinismos tecnológicos e entendimentos binários do impacto da tecnologia, que a posiciona como exclusivamente positiva ou negativa (Mauthner e Kazimierczak, 2018; Mead e Neves, 2018). Os estudos da família evidenciam que os contextos de usos e significados são um elemento-chave no estudo do impacto das tecnologias, podendo até considerar-se como simultaneamente positivo e negativo, dependendo de fatores sociotécnicos e de circunstâncias específicas (Carvalho et al., 2019; Neves e Casimiro, 2018; Silva, 2010). Assim, as famílias e as TIC não formam relações estáticas, moldando-se mutuamente, oferecendo quer oportunidades, quer desafios em termos de relacionamentos, apoio, intimidades, práticas, escolhas, etc.

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

Este dossiê permite-nos aprofundar conhecimento sobre a temática das famílias e das TIC, reunindo investigação conduzida na comunidade de língua portuguesa e no âmbito da sociologia, mas também das ciências políticas e da comunicação. Após um processo aberto de chamada de trabalhos que

atraiu excelentes contribuições de vários países e sobre diversos tópicos relacionados com TIC e famílias, tivemos a difícil tarefa de selecionar artigos que se relacionassem mais diretamente com o campo da família e que oferecessem diversidade de contextos e abordagens. Depois de um processo rigoroso de revisão por pares, como habitual nesta revista, é com imenso prazer que introduzimos este dossiê, unindo pesquisa conduzida em Portugal, Angola e Brasil.

No artigo intitulado “O papel da família na utilização da Internet por portugueses de 50 e mais anos: uma análise de género”, Patrícia Silva, Alice Delerue Matos e Roberto Martinez-Pecino, partindo de uma metodologia quantitativa e de uma perspetiva de género que se liga com as temáticas de envelhecimento e curso de vida, centram o foco da sua análise na problemática da exclusão digital dos adultos mais velhos. A sua investigação mostra o papel diferenciador que a família, nomeadamente, cônjuges e filhos, desempenha no uso que homens e mulheres de 50 e mais anos fazem da Internet. Os autores salientam de que forma os papéis sociais de género e a familiarização precoce com novas tecnologias, durante o exercício da atividade profissional, se revelam fatores importantes da utilização da Internet em idades mais avançadas. Nesse sentido, apresentam algumas recomendações para as políticas públicas neste campo. Embora esta investigação tenha sido conduzida antes da pandemia da COVID-19, que estamos agora a enfrentar, os seus resultados e recomendações são de grande relevância durante e após a pandemia. Isto porque, por exemplo, estamos a assistir à forte ligação entre a exclusão social e digital de pessoas idosas durante estes tempos de COVID-19 (Seifert et al., 2021).

Luená Marinho, no artigo “Proximidade e distância nas famílias transnacionais entre Angola e Portugal – o contributo das tecnologias de informação e comunicação”, mostra como as TIC são usadas no exercício de práticas parentais à distância. A partir de entrevistas realizadas a pais migrantes portugueses e angolanos e a crianças angolanas com pais migrantes, a autora reflete sobre as perceções de progenitores e crianças acerca do efeito da distância na relação parental imposta pela migração e mostra como os efeitos adversos dessa distância física (um certo desapego emocional e diminuição da autoridade parental) podem ser, em parte, mitigados através das TIC, cuja utilização possibilita a copresença e aproximação de rotinas, sentimentos e intimidades familiares. Contudo, também são discutidas as limitações da comunicação mediada pelas TIC para alguns dos pais migrantes. Circunstâncias socioculturais e económicas das diferentes famílias influenciam não só a utilização e domesticação de tecnologias na vida familiar transnacional, como as suas consequências nos relacionamentos e dinâmicas familiares. Este trabalho mostra a relevância dos

estudos sobre as TIC em contextos familiares diaspóricos, caracterizados por diferentes estatutos sociais e tecnológicos, que poderão ser ainda mais relevantes em conjunturas pandémicas como a da COVID-19, que acarreta restrições na mobilidade física transfronteiriça (Brandhorst et al., 2020).

Já no texto sobre “Socialização política e as redes familiares e sociais: o papel da Internet na cultura política dos jovens no Sul do Brasil”, Jennifer Azambuja de Moraes e Ana Julia Bonzanini Bernardi examinam o papel dos vários agentes de socialização na formação política dos jovens, incluindo a família, a Internet, a escola e os pares. As autoras focam-se num contexto sociocultural que é pautado por reduzida participação política jovem, conduzindo um estudo inovador no Sul do Brasil que assenta numa metodologia quantitativa. Analisando dados obtidos através de inquéritos por questionários administrados a uma amostra representativa de jovens desta região, as autoras mostram que a família continua a ser o principal agente de socialização política jovem. Mas a Internet ultrapassa a escola como segundo agente socializador. De qualquer forma, apesar das visões otimistas sobre a Internet e *sites* de redes sociais no desenvolvimento de culturas políticas juvenis mais alargadas e participativas, tal não se verifica neste trabalho que nos traz dados brasileiros inéditos. Este é um estudo longitudinal e as novas ondas de inquéritos permitirão perceber se a pandemia e correspondentes conjunturas sociais e políticas no Brasil terão contribuído para mudanças na socialização política juvenil e no peso dos diferentes agentes socializadores.

Conjuntamente, estes artigos evidenciam quer a relevância social, quer a complexidade da temática da família e novas tecnologias, complementando-se em três dimensões críticas: 1) investigam diferentes aspetos da vida familiar associados aos usos das tecnologias, apresentando uma abordagem complementar dos significados que a família assume; 2) consideram relações intergeracionais e o seu papel no seio da família e também no que respeita à utilização e impactos das novas tecnologias; e 3) oferecem contextos socioculturais, económicos e regionais distintos, frequentemente esquecidos na literatura internacional, nomeadamente, pesquisa conduzida em língua portuguesa e no chamado Sul Global (Angola e Brasil).

VIDA FAMILIAR, USO DAS TIC E SIGNIFICADOS DE FAMÍLIA

Os três artigos apresentados neste dossiê focam o papel da família na sua articulação com significados e usos conferidos às TIC. Porém, as portas de entrada nas temáticas familiares são diversas. O artigo que abre o dossiê (Silva et al., 2021) debruça-se sobre o modo como as relações familiares, numa perspectiva geracional e de género, impactam a utilização das TIC, em particular, da Internet. O segundo artigo (Marinho, 2021) centra a sua atenção nas famílias

transnacionais, especificamente na maneira como as TIC são usadas na parentalidade exercida à distância. E no artigo de Moraes e Bernardi (2021), o terceiro deste dossiê, a família é abordada como agente de socialização política e social, procurando-se compreender o seu impacto, associado ao uso da utilização da Internet, na internalização de valores democráticos por jovens do sul do Brasil. Partindo destes diferentes prismas, os autores dão-nos uma visão multidimensional de como e para que fins as TIC são empregues, da forma como são apropriadas e também domesticadas nas práticas da vida familiar.

Apesar destes diferentes ângulos ou aspetos da dinâmica e experiência de vida de famílias situadas em contextos socioeconómicos e geográficos distintos, encontramos nos três artigos abordagens completivas, que se entrecruzam com o que “pode ser” a família. Ela surge-nos como espaço “físico, relacional e simbólico” (Saraceno, 1997, p. 12), agente de um legado de normas e valores, lugar de socialização e aprendizagens, de comunicação e de suporte emocional que gera sentimentos de pertença. Estas três pesquisas mostram como, a partir das experiências da vida familiar de crianças, jovens, adultos e idosos, se transmitem e partilham informações, conhecimentos, afetos, cuidados e intimidades, e, também, como para estes indivíduos, a família pode assumir um lugar relevante a partir do qual mantêm laços e constroem redes que contribuem para a sua integração social.

RELAÇÕES INTERGERACIONAIS NAS DINÂMICAS FAMILIARES E TECNOLÓGICAS

As três contribuições apresentadas neste dossiê não esquecem o papel das relações intergeracionais nas dinâmicas, práticas, valores e significados familiares e tecnológicos. O primeiro artigo (Silva et al., 2021) mostra que dimensões familiares e geracionais são significativas no âmbito das novas tecnologias, evidenciando que número de filhos, frequência de contacto familiar e distância geográfica estão associados com a utilização da Internet para mulheres com 50 e mais anos de idade. Tais associações não são encontradas para homens nas mesmas faixas etárias, sugerindo conexões e práticas geracionais e familiares influenciadas por dimensões de género. Como discutem os autores, as mulheres mais velhas tendem a indicar, mais do que homens, a família como motivação para usos de novas tecnologias; adicionalmente há uma persistente justaposição do estatuto social da mulher com o de mãe na sociedade portuguesa. O segundo artigo (Marinho, 2021) discute práticas parentais à distância e relacionamentos entre pais (adultos) e filhos (crianças), situando narrativas que reforçam ideais geracionais familiares, isto é, que descrevem progenitores adultos como cuidadores e provedores, e crianças como recetoras e beneficiárias. Mas, simultaneamente, essas narrativas valorizam trocas geracionais

bidirecionais menos tradicionalistas: pais migrantes também se tornam retores e beneficiários de intimidades e afetos facultados por filhos; e crianças e filhos jovens também se tornam cuidadores e provedores de apoio emocional e até tecnológico. Aliás, estudos sobre TIC e famílias transnacionais com pais idosos e filhos adultos exibem uma certa “reversão” de papéis (filhos passando a provedores principais e pais a retores); embora também exponham as *nuanças* em torno deste imaginário de papéis e das permutações que acabam por acontecer na familiaridade geracional à distância (Cuban, 2018). O terceiro artigo (Morais e Bernardi, 2021) também se centra nas relações familiares entre pais e filhos, mas aqui como agentes socializadores políticos e sociais. Como conclui este estudo, a família e as suas relações geracionais continuam a ser o principal agente de socialização política, independentemente da prevalência social da utilização de novas tecnologias pelos mais jovens.

Assim, estes três artigos expõem subsidiariedades indispensáveis na abordagem geracional, por vezes, simplificada ou omissa na investigação sobre o tópico (Neves e Casimiro, 2018; Barnwell et al., 2021). As gerações não são blocos homogêneos, imutáveis ou hirtos e as relações geracionais não são apenas assentes em clivagens, dicotomias ou oposições – contudo, continuam a ser representadas desse modo em estudos sociais e tecnológicos. No domínio da vida familiar e intimidades digitais na contemporaneidade, a análise de gerações tem de reconhecer os contextos sociotécnicos que as atravessam e as condições estruturais e agênticas que distintamente moldam famílias e seus membros. Tal como o estudo do impacto das novas tecnologias tem de ultrapassar binários (usar vs. não-usar; positivo vs. negativo) e ir além da frequência de utilização (o “quanto” utiliza) para revelar os seus contextos, usos e significados (o “como”, “porque”, “quando”, etc.), o mesmo tem de ser dito relativamente às abordagens geracionais, que, por vezes, esquecem desigualdades intrageracionais e perpetuam categorizações dominantes que ofuscam multiplicidades, reflexividades e condições dentro de cada geração.

SUL GLOBAL E NORTE GLOBAL

A terceira dimensão crítica que liga este dossiê é a compilação, pela primeira vez, de pesquisa sobre famílias e TIC realizada em diferentes países de língua oficial portuguesa e em distintos contextos socioculturais. Esta coleção colmata, assim, uma lacuna na literatura académica no campo das famílias e novas tecnologias. Evidencia ainda a importância de conhecimentos e experiências do chamado Sul Global, neste caso, Angola e Brasil, e de um país como Portugal, que, embora seja categorizado como pertencendo ao Norte Global, é usualmente percecionado como periférico no que concerne a estruturas de produção de conhecimento académico. Este estatuto de “periferia”

leva, por vezes, à propagação de estereótipos científicos – a título ilustrativo, a classificação habitual de Portugal contemporâneo como sociedade apenas familiarista na literatura académica internacional tem sido questionada pela investigação sociológica portuguesa (Torres et al., 2013). Contudo, é fundamental reconhecer o papel de Portugal como força colonizadora e perpetuadora de culturas epistémicas eurocêntricas que não valorizam suficientemente a ciência e os saberes oriundos de países que sofreram o jugo colonialista (Santos, 2008), como Angola e Brasil. Embora esta diferenciação entre o Norte Global e o Sul Global possa ser vista como estanque e binária, negligenciando os seus vários regionalismos e localismos, este enquadramento tem alguma utilidade na medida em que ajuda a contestar perspetivas e linguagens científicas que são entendidas como universais (eventualmente, tomando um pendor imperialista) e que excluem ou invalidam a erudição que não é produzida pelo Norte Global.

Beneficiando de visões pós-coloniais, os estudos da família e da tecnologia também têm que ultrapassar o paradigma hegemónico de saberes e abordagens. Embora esta coleção não se foque diretamente nestas discussões, parte de uma matriz de diversidade epistemológica e ontológica, que tenta abrir estas problemáticas e reconhecer a relevância das distintas comunidades de língua portuguesa, quer a nível macro e mais global, quer a nível micro e mais localizado. Os três artigos salientam quer tendências gerais, quer especificidades culturais nos seus resultados. Por exemplo, o artigo de Luena Marinho oferece uma perspetiva comparativa de famílias em Angola e em Portugal, chamando a atenção para as circunstâncias sociais, culturais e políticas de migração que não só afetam culturas de organização e práticas familiares (famílias angolanas tendem a ter famílias mais alargadas e valores de solidariedade familiar mais fortes comparando com as portuguesas), mas também os usos de tecnologias e seus impactos desiguais. Este é um campo frutífero de investigação para a sociologia e demais ciências sociais, urgindo ainda contemplar temas em falta nesta coleção, desde análises não-heteronormativas da família até perspetivas interseccionais e de curso de vida que examinam contextos estruturais e agênticos.

FAMÍLIAS E TIC EM CONTEXTO DE PANDEMIA: REFLEXÕES FINAIS

A pandemia da COVID-19 acentuou o papel das TIC, como a Internet e *sites* de redes sociais, no seio da família contemporânea (Lebow, 2020). Embora este dossiê não se foque na pandemia da COVID-19, pois o processo de seleção e revisão dos artigos que o compõem antecede a mesma, é incontornável

oferecer aos leitores uma reflexão sobre a relevância das TIC no contexto familiar pandémico. Aliás, este dossiê contribui para contextualizar uma temática de grande pertinência durante e após a pandemia, fornecendo evidência-base para se analisar mudanças ou continuidades sociotécnicas. Sabemos que a abordagem sociológica é crítica e fundamental durante pandemias e desastres (Dynes et al., 1987; Peacock et al., 1997), sobretudo se a disciplina quer contribuir ativamente para o desenho de políticas sociais e projetos de recuperação pós-pandémicos (Matthewman e Huppertz, 2020).

Investigação recente mostra que as sociabilidades, o trabalho e o ensino foram empurrados, em larga escala, para o espaço da casa, o que não só estreitou as noções de privado e público (Almeida et al., 2015), como expôs desigualdades (por exemplo, de género e geracionais) em torno das quais a vida familiar gira/gravita (Faircloth et al., 2020). A noção de *wired family* (Meszaros, 2004) ganhou um sentido renovado no decurso do século XXI global e, mais ainda, nestas circunstâncias pandémicas. Em muitos casos, as famílias tiveram de se adaptar subitamente ao teletrabalho, ao ensino digital e à sociabilidade à distância (Carmo et al., 2020; Carvalho et al., 2021; Lebow, 2020). Este contexto de grandes encruzilhadas mostrou os benefícios, possibilidades e oportunidades, mas também os desafios, limitações, riscos e implicações de pendor mais negativo das tecnologias digitais como ferramentas, estruturas, valores e práticas sociais.

Em termos de implicações positivas das TIC ao nível familiar, destacam-se a possibilidade de manutenção das trajetórias educativas por parte de crianças e jovens, com a incorporação das atividades escolares no espaço da casa (Bubb e Jones, 2020; Cárdenas, 2020), bem como a quebra de isolamento social, possível através de videoconferências, mensagens de texto, chamadas de voz ou aplicações digitais (Lebow, 2020; Neves et al., 2019). As TIC podem também funcionar como um meio para obtenção ou conservação de alguma autonomia, ou de espaço/tempo próprios, em contexto de intimidade familiar – em particular, podem contribuir para o evitar (contínuo, por vezes) de situações face-a-face: “*s’ échapper du présentiel familial*” (Widmer et al., 2020, p. 162) –, sobretudo, em situação de confinamento, que obriga as famílias à partilha quotidiana de espaços nem sempre amplos ou com várias divisões. Adicionalmente, as TIC podem contribuir para facilitar a gestão quotidiana do ambiente doméstico (Giuseppe, 2002) e o aprofundamento e/ou restabelecimento de laços familiares, inclusivamente entre gerações (Neves et al., 2019).

Quanto ao impacto negativo das TIC na vida familiar no decurso da corrente pandemia, importa referir, entre outros aspetos, a dificuldade da conciliação do teletrabalho com a vida familiar (Hjálmsdóttir e Bjarnadóttir, 2020; Magalhães et al., 2020; Vyas e Butakhieo, 2021), principalmente, durante

confinamentos obrigatórios em que as escolas fecharam. Destaca-se, neste âmbito, a sobrecarga de trabalho doméstico, físico e emocional sobre as mulheres mães e cuidadoras (Hipp e Bünnin, 2021; Power, 2020), especialmente, as que vivem sós com filhos ou outros dependentes (Hertz et al., 2020).

O cansaço provocado pelo incremento das tecnologias digitais ao nível profissional e educativo tem sido igualmente reportado na literatura: a dificuldade em desligar do trabalho fora das horas laborais (Navarro e Helms, 2020) ou a chamada “fadiga Zoom” (Nadler, 2020) são disso um exemplo. Surgem ainda questões de controlo e de privacidade, desde pressões exercidas por algumas entidades patronais para que os seus empregados trabalhem para além das horas legais, retirando tempo que seria dedicado à família (Navarro e Helms, 2020) a uma lógica de sociedade de vigilância digital que invade espaços familiares e que pode aumentar mecanismos de controlo e repressão entre os próprios membros da família (Zuboff, *apud* Costa, 2020).

É ainda essencial enfatizar o reforço das desigualdades sociais provocadas pela infoexclusão no acesso a informação, bens e serviços fundamentais, como a telessaúde, que, por sua vez, têm impacto na própria gestão do vírus (Carmo et al., 2020; Khilnani et al., 2020). Relacionado com este reforço está também a ampliação de estereótipos sociais através das TIC, que exacerbam imagens e discursos geracionais redutores, sobretudo, para as pessoas idosas (com 65+ anos de idade), que são vistas uniformemente como vulneráveis e dependentes, e para os jovens, que são vistos como egoístas ou *risk-takers* (Cook et al., 2021). Estes estereótipos e *scripts* são ademais pertinentes para o estudo das famílias e suas composições intergeracionais. Apesar da pandemia da COVID-19 ainda estar a decorrer aquando da publicação deste dossiê, reunimos aqui inúmeras pistas de investigação para se pensar esta temática e as suas repercussões.

Concluindo, o contexto pandémico tem mostrado a importância de se estudar mais aprofundadamente as várias relações entre as TIC e famílias, tal como as suas consequências. Os conhecimentos a este nível mostram-se imprescindíveis na reconstrução de um mundo pós-pandémico, que se quer mais justo e menos desigual. Ideias veiculadas em meios de comunicação social e online como as de que o vírus era “democraticamente contagioso”² e de que estamos todos “no mesmo barco”³ depressa se revelaram incorretas. Algumas famílias (e países, comunidades, grupos, indivíduos) serão mais afetadas pela

2 Disponível em <https://www.publico.pt/2020/03/19/sociedade/opiniao/virus-democratico-servico-nacional-saude-procura-oxigenio-1908321> [consultado em 19-03-2020].

3 Disponível em <https://jornaleconomico.sapo.pt/noticias/marcelo-garante-que-portugues-es-estao-no-mesmo-barco-apesar-de-pais-estar-a-desconfinar-a-tres-velocidades-728146> [consultado em 19-04-2021].

pobreza, discriminação e exclusão social e digital, tornando-se mais desiguais e vulneráveis do que outras (Schweiger, 2020), facto revelador das origens sociais e económicas desta pandemia. Como demonstrado pelos artigos deste dossiê, a família – em toda a sua complexidade e envolvendo dinâmicas positivas e/ou negativas – continua a ser predominante nas nossas vidas e sociedades quer como unidade ou estrutura social, quer como espaço agêntico e de ação individual e coletiva. A sua predominância e ramificações a nível local e global ampliam-se em tempos de crise, risco e disparidade sociotécnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A. N., et al. (2015), “Internet, children and space: revisiting generational attributes and boundaries”. *New Media & Society*, 17(9), pp. 1436-1453. <https://doi.org/10.1177/1461444814528293>.
- BARNWELL, A., NEVES, B. B., RAVN, S. (2021), “Captured and captioned: representing family life on Instagram”. *New Media & Society*. <https://doi.org/10.1177/14614448211012791>.
- BIJKER, W. E., LAW, J. (eds.) (1992), *Shaping Technology/Building Society: Studies in Sociotechnical Change*. MIT Press.
- BRANDHORST, R., BALDASSAR, L., WILDING, R. (2020), “Introduction to the special issue: Transnational family care ‘on hold’? Intergenerational relationships and obligations in the context of immobility regimes”. *Journal of Intergenerational Relationships*, 18(3), pp. 261-280. <https://doi.org/10.1080/15350770.2020.1787035>.
- BRYNIN, M., ERMISCH, J. (2009), *Changing Relationships*, New York, Routledge.
- BUBB, S., JONES, M. A. (2020), “Learning from the COVID-19 home-schooling experience: Listening to pupils, parents/careers and teachers”. *Improving Schools*, 23(3), pp. 209-222. <https://doi.org/10.1177/1365480220958797>.
- CÁRDENAS, J. A. M. (2020), “Etnografía digital multisituada: jóvenes universitarios y universitarias estudiando desde casa en tiempos de covid-19”. *Cadernos De Campo*, 29(2), pp. 1-19. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe175177>.
- CARMO, R. M., TAVARES, I., CÂNDIDO A. F. (orgs.) (2020), *Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-ISCTE. <https://www.observatorio-das-desigualdades.com/observatoriodasdesigualdades/wp-content/uploads/2020/12/UmOlharSociolo%CC%81gicoSobreaCriseCovid19emLivro.pages.pdf>.
- CARSTEN, J. (2000), *Cultures of Relatedness. New Approaches to the Study of Kinship*, United Kingdom, Cambridge University Press.
- CARVALHO, J., FRANCISCO, R., RELVAS, A. P. (2019), “e-Famílias: O impacto das TIC na vida contemporânea de famílias com crianças”. In R. Brito e P. Dias (eds.), *Crianças, Famílias e Tecnologias: Que Desafios? Que Caminhos?*, Lisboa, Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, pp. 184-209. <http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/1090>.
- CARVALHO, D. et al. (2021), *Families (en)during the pandemic: preliminary results from the first lockdown in Portugal (March-June 2020)*, Linked Lives Working Papers, WP n.º 1. https://5bdeb79d-1141-40b7-af14-ceace87a3430.filesusr.com/ugd/ef1d69_e853f930e23846408e22da851fcc94b6.pdf.

- COOK, P.S. et al. (2021), “Ageism and risk during the coronavirus pandemic”. In D. Lupton, K. Willis, (eds.), *The Covid-19 Crisis: Social Perspectives*, London, Routledge, pp. 207-217.
- COSTA, A. F. (2020), “Desigualdades sociais e pandemia”. In R. M. Carmo, I. Tavares, A. F. Cândido (orgs.), *Um olhar sociológico sobre a crise Covid-19 em livro*, Lisboa, Observatório das Desigualdades, CIES-ISCTE, pp. 4-16.
- CUBAN, S. (2018), “Rescue chains and care talk among immigrants and their left-behind parents”. In B. B. Neves, C. Casimiro (eds.), *Connecting Families? Information & Communication Technologies in a Life Course Perspective*, Bristol University Press, pp. 219-235.
- DYNES, R. R., DE MARCHI, B., PELANDA, C. (eds.) (1987), *Sociology of Disasters. Contribution of Sociology to Disaster Research*, Milan, Franco Angeli Libri.
- FAIRCLOTH, C., TWAMLEY, K., IQBAL, H. (2020), “‘Er, not the best time’: methodological and ethical challenges of researching family life during a pandemic”. *Families, Relationships and Societies*, 00(00), pp. 1-5. <https://doi.org/10.1332/204674320X16073443900591>.
- FINCH, J. (2007), “Displaying families”. *Sociology*, 41(1), pp. 65-81. <https://doi.org/10.1177/003803850707228>.
- GIUSEPPE, S. D. (2020), “As tecnologias digitais entre os casais com filhos em tempo de Covid-19 [Life Research Group Blog]”, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Disponível em <https://liferesearchgroup.wordpress.com/2020/04/16>.
- HERTZ, R., MATTES, J., SHOOK, A. (2020), “When paid work invades the family: single mothers in the COVID-19 pandemic”. *Journal of Family Issues*, 00(0), pp. 1-27. <https://doi.org/10.1177/0192513X20961420>.
- HIPP, L., BÜNNING, M. (2021), “Parenthood as a driver of increased gender inequality during COVID-19? Exploratory evidence from Germany”. *European Societies*, 23(1), pp. S658-S673. <http://doi.org/10.1080/14616696.2020.1833229>.
- HJÁLMSDÓTTIR, A., BJARNADÓTTIR, V. S. (2020), “I have turned into a foreman here at home: Families and work–life balance in times of COVID-19 in a gender equality paradise”. *Gender, Work & Organization*, 28(1), pp. 268-283. <https://doi.org/10.1111/gwao.12552>.
- JAMIESON, L. (1998), *Intimacy: personal relationships in modern societies*, Cambridge, Polity Press.
- KHILNANI, A., SCHULZ, J., ROBINSON, L. (2020), “The COVID-19 pandemic: new concerns and connections between eHealth and digital inequalities”, *Journal of Information, Communication and Ethics in Society*, 18(3), pp. 393-403. <https://doi.org/10.1108/JICES-04-2020-0052>.
- LATOUR, B. (1992), “Where are the missing masses? The sociology of a few mundane artifacts”. In W. E. Bijker, L. Law (eds.), *Shaping technology/building society: Studies in sociotechnical change*, Cambridge, MIT Press, pp. 225-258.
- LEBOW, J. L. (2020), “Family in the Age of COVID-19”. *Family Process*, 59(2), pp. 309-312. <https://doi.org/10.1111/famp.12543>.
- MACKENZIE, D., WAJCMAN, J. (1999), *The Social Shaping of Technology*, Buckingham, UK, Open University Press.
- MAGALHÃES, P., GOUVEIA, R., COSTA-LOPES, R., SILVA, P. A. (2020), *O Impacto Social da Pandemia. Estudo ICS/ISCTE Covid-19*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/42911>.
- MARINHO, L. (2021), “Proximidade e distância nas famílias transnacionais entre Angola e Portugal – o contributo das tecnologias de informação e comunicação”. *Análise Social*, 239, LVI(2), pp. 342-362.
- MATTHEWMAN, S., HUPPATZ, K. (2020), “A Sociology of Covid-19”. *Journal of Sociology*, 56(4), pp. 675-683. <https://doi.org/10.1177/1440783320939416>.

- MAUTHNER, N.S., KAZIMIERCZAK, K.A. (2018), "Theoretical perspectives on technology and society: Implications for understanding the relationship between ICTs and family life". In B.B. Neves, C. Casimiro (eds.). *In Connecting Families? Information and Communication Technologies, Generations, and the Life Course*, Bristol University Press, pp. 21-39.
- MEAD, G., NEVES, B. B. (2018), "Recursive approaches to technology adoption, families, and the life course: Actor network theory and strong structuration theory". In B.B. Neves & C. Casimiro (eds.), *Connecting Families? Information and Communication Technologies, Generations, and the Life Course*, Bristol University Press, pp. 41-57.
- MESZAROS, P.S. (2004), "The Wired Family: Living Digitally in the Postinformation Age". *American Behavioral Scientist*, 48(4), pp. 377-390. <https://doi.org/10.1177/0002764204270276>.
- MORAIS, J.A., BERNARDI, A.J. (2021), "Socialização política e as redes familiares e sociais: o papel da Internet na cultura política dos jovens no Sul do Brasil". *Análise Social*, 239, LVI(2), pp. 364-386.
- MORGAN, D.H.G. (2011), "Locating 'Family Practices'". *Sociological Research Online*, 16(4), pp. 174-182. <https://doi.org/10.5153/sro.2535>.
- NADLER, R. (2020), "Understanding «Zoom fatigue»: Theorizing spatial dynamics as third skins in computer-mediated communication. *Computers and Composition*, 58(102613). <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S8755461520300748?via%3Dihub>.
- NAVARRO, J.L., HELMS, M.H. (2020), "After-hours Remote Work and Family Life: The Impact of Work-Extending Technology". *Work & Family Researchers Network, Work and Family Encyclopedia*. <https://wfrn.org/encyclopedia/after-hours-remote-work-and-family-life-the-impact-of-work-extending-technology/>.
- NEVES, B.B., CASIMIRO, C. (2018), *Connecting Families? Information & Communication Technologies in a Life Course Perspective*, Bristol University Press.
- NEVES, B.B. et al. (2019), "Can digital technology enhance social connectedness among older adults? A feasibility study". *Journal of Applied Gerontology*, 38(1), pp. 49-72. <https://doi.org/10.1177/0733464817741369>.
- PEACOCK, W.G., MORROW, B.H., GLADWIN, H. (eds.) (1997), *Hurricane Andrew: Ethnicity, gender, and the sociology of disasters*. London, Routledge.
- POWER, K. (2020), "The COVID-19 pandemic has increased the care burden of women and families". *Sustainability: Science, Practice and Policy*, 16(1), pp. 67-73. <https://doi.org/10.1080/15487733.2020.1776561>.
- SANTOS, B. de S. (2008), "A filosofia à venda, a douta ignorância e a aposta de Pascal". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, pp. 11-43. <https://doi.org/10.4000/rccs.691>.
- SARACENO, C. (1997), *Sociologia da Família*, Lisboa, Editorial Estampa.
- SCHWEIGER, G. (2020), "Vulnerability and disadvantage in times of Covid-19". *Transforming Society*, Bristol University Press, Policy Press. <https://www.transformingsociety.co.uk/2020/04/14/vulnerability-and-disadvantage-in-times-of-covid-19/>.
- SEIFERT, A., COTTEN, S.R., XIE, B. (2021), "A double burden of exclusion? Digital and social exclusion of older adults in times of COVID-19". *The Journals of Gerontology: Series B*, 76(3), pp. e99-e103. <https://doi.org/10.1093/geronb/gbaa098>.
- SILVA, E. (2010), *Technology, culture, family: Influences on home life*, London, UK, Springer.
- SILVA, P., MATOS, A. D., MARTINEZ-PECINO, R. (2021), "O papel da família na utilização da Internet por portugueses de 50 e mais anos: uma análise de género". *Análise Social*, 239, LVI(2), pp. 322-341.

- TORRES A., COELHO, B., CABRITA, M. (2013), “Bridge over troubled waters: family, gender and welfare in Portugal in the European context”. *European Societies*, 15(4), pp. 535-556. <https://doi.org/10.1080/14616696.2013.836403>.
- VYAS, L., BUTAKHIEO, N. (2021), “The impact of working from home during COVID-19 on work and life domains: an exploratory study on Hong Kong”. *Policy Design and Practice*, 4(1), pp. 59-76. <https://doi.org/10.1080/25741292.2020.1863560>.
- WALL, K., GOUVEIA, R. (2014), “Changing meanings of family in personal relationships”, *Current Sociology*, 62(3), pp. 352-373. <https://doi.org/10.1177/0011392113518779>.
- WIDMER, E. et al. (2020), “Dinamiques familiales et COVID-19 – Réactions à la période de confinement”. In F. Gamba, M. Nardone, T. Ricciardi, S. Cattacin (dir.), *COVID-19 Le regard des sciences sociales*, Genève et Zurich, Éditions Seismo, Sciences sociales et questions de société SA, pp. 159-177. <https://core.ac.uk/download/pdf/326012363.pdf>.

CASIMIRO, C., NEVES, B. B. (2021), *Introdução dossiê temático* “Vida familiar e tecnologias de informação e comunicação num mundo globalizado”. *Análise Social*, 239, LVI (2.º), pp. 308-321.

Cláudia Casimiro » ccasimiro@iscsp.ulisboa.pt » Centro Interdisciplinar de Estudos de Género, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa » Campus Universitário do Alto da Ajuda, Rua Almerindo Lessa — 1300-663 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0002-7392-8200>.

Barbara Barbosa Neves » barbara.barbosaneves@monash.edu » School of Social Sciences, Monash University » Clayton — VIC 3800, Australia » <https://orcid.org/0000-0002-4490-4322>.
